

# Brasil e França inauguram nova era

France Presse



Fernando Henrique e Jacques Chirac: nove acordos assinados e o firme propósito de renovar as relações adormecidas durante o governo socialista de Mitterrand

*Fernando Henrique comemora êxito de sua viagem de cinco dias, que abriu as portas para a retomada dos laços políticos e econômicos*

Luiz Recena  
Correspondente

Paris — Dois dias de sol e céu azul marcaram o final da visita do presidente Fernando Henrique Cardoso à Europa. A viagem começou em Paris, domingo à noite. Com chuva e frio. Foram assim os dois primeiros dias. Terminou ensolarado em Genebra, na sexta-feira.

Do frio para o calor. Do cinza para o azul. Temperatura e cor para sublinhar a retomada, por Brasil e França, de seus laços bilaterais em níveis mais condizentes com a importância e tradição dos dois países.

“A França perdeu tempo em relação ao Brasil e deu-se conta disso”, explicou o ministro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampreia. Linguagem direta pouco usada na diplomacia. Novas palavras para novos níveis de relacionamento.

“A França quer a Alemanha e o Japão no Conselho de Segurança das Nações Unidas (ONU), mas está aberta à presença de um terceiro país, grande, que represente as nações emergentes”, disse o chanceler francês, Hervé de Charette. Franqueza atípica.

## PREOCUPAÇÕES

Para um influente membro da comitiva brasileira “a França está sem projeto político mundial”. Fora do econômico, preocupação de todos os países importantes, os gauleses não sabem o que querem na política mundial.

A aproximação com “os emergentes”, portanto, é uma primeira idéia de projeto global maior. Nessa ordem entram Tigres Asiáticos, Índia, Marrocos e a América do Sul. Nesta, a prioridade é o Brasil.

Colonizadores fortes e influentes,

os franceses também se preocupam com a *francofonia* (divulgação do idioma francês) e com a Internet (rede mundial de computadores). A difusão do inglês e o aumento do poder dos EUA pela via tecnológica deixam os franceses em situação incômoda.

A preocupação tem alto nível: foi dita ao presidente brasileiro pelo próprio primeiro-ministro, Alain Juppé. Os nacionais só ouviram.

O Itamaraty tirou o francês do vestibular para o Instituto Rio Branco. Doeu. Os franceses tratam o tema com o pesar juvenil de quem perdeu a primeira namorada. Ou o luto de quem perdeu um membro da família.

Na verdade, o francês deixou de ser obrigatório no Brasil há mais de dez anos, no ensino secundário. “Não eliminamos o francês: ele já tinha saído”, disse um cruel diplomata brasileiro.

Quanto à Internet, há muito pouco a fazer. O Brasil resistiu, mas acabou cedendo. Integra-se ao sistema com linguagem predominantemente norte-americana.

Os franceses vão insistir. E atacar pelo flanco econômico. Os seminários sobre investimentos no Brasil, do ministro Sérgio Motta e do jornal *Gazeta Mercantil*, estiveram cheios de interessados. E coincidiram com a volta do sol.

O “estilo Serjão” surpreende os franceses. Mas não os assusta. Dar caneladas uns nos outros é esporte diário dos parisienses. O que chamou atenção foi a ausência do “brasileiro cordial”, na personalidade do ministro.

Sérgio Motta: “Conheço bem vocês, trabalhei muito com os franceses; queremos investimentos e tecnologia, nessa linha teremos acordo”. Eles entenderam. E aplaudiram. Mais ainda, quando souberam,

pelo próprio ministro, que tudo isso é apenas “o primeiro governo FHC”. Pode ter mais.

## ESTILO APROVADO

Empresários, intelectuais e diplomatas franceses ficaram encantados com o estilo Fernando Henrique. Culto e didático. Firme na linha do discurso. Claro no texto. Com um recado especial, de um pensador fran-

cês, em francês, para cada platéia.

E convenceu. Os números que mostrou do Brasil também fizeram isso. Houve críticas. Além da manifestação nos Champs Elysée contra o massacre dos sem-terra no Pará, professores na Sorbonne e Organizações Não-Governamentais (ONGs) no palácio Marigny pediram “mais atenção” ao social. Na Sorbonne, foi humilde. Falou de esfor-

ços. E prometeu mais.

“Isso é demais para mim”. A frase, dita na Sorbonne ao receber a medalha, prova que o presidente quer continuar o bom aluno de sempre, para os velhos mestres.

O saldo: “A viagem foi um êxito, um grande êxito, para o Brasil e para mim pessoalmente”, disse Fernando Henrique em Lyon, antes de receber o título *honoris causa* da uni-

versidade local.

Os acordos: nove, entre os quais o mais importante que acaba com a exigência de visto para turistas dos dois países. Vigora no fim deste mês.

O recado final: em Genebra, na Suíça, Fernando Henrique disse que “as críticas na vida política, são ondas; a artilharia mais pesada vem de uma estranha torcida de brasileiros que não querem que o Brasil dê certo”.